

Uma análise comparada do desempenho do setor exportador de carnes no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2001

Vivian Fürstenau*

O objetivo deste texto é fazer uma descrição do comportamento do setor exportador brasileiro e gaúcho de carne no decorrer de 2001. Para tanto, foram utilizados dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.¹

Na primeira parte do texto, são traçados o cenário no mercado internacional de carnes e o contexto em que se desenvolve atualmente a produção nacional, buscando explicar as diferentes razões que geraram as expectativas otimistas para o setor e nortearam as decisões do Governo Federal e dos empresários no que se refere às estratégias de *marketing* no mercado externo para a carne brasileira. Na segunda parte, tem-se a descrição do desempenho das exportações brasileiras e gaúchas dos diferentes tipos de carne, com o objetivo de avaliar se as perspectivas existentes no início de 2001 se confirmaram.

As perspectivas para 2001

No início de 2001, as perspectivas no mercado internacional para o setor produtor/exportador de carne brasileira eram extremamente favoráveis. O cenário promissor devia-se, basicamente, a duas razões: o surgimento da “doença da vaca louca” — encefalopatia espongiforme bovina (EEB) — em diversos

* Economista, Técnica da FEE.

A autora agradece aos colegas Álvaro Antônio L. Garcia, Maria Domingues Benetti e Maria Helena de Sampaio pela leitura cuidadosa do texto e pelas sugestões e a Sílvia Noronha pela ajuda na obtenção dos dados. No entanto, é desnecessário dizer que qualquer erro ou omissão porventura remanescente no texto é de exclusiva responsabilidade da autora.

¹ Os dados da Secex são disponibilizados em oito dígitos de acordo com a Tarifa Externa Comum (TEC). Para a elaboração do texto, os códigos foram agrupados segundo os tipos de carne, a saber: carne bovina *in natura*, 02.01.10.00 a 02.01.30.00 e 02.02.10.00 a 02.02.30.00; carne bovina industrializada, 16.01.00.00 e 16.02.50.00; carne suína, 02.11.03.00 a 02.03.29.00; carne de aves *in natura*, 02.07.11.00 a 02.07.14.00; carne de aves industrializada, 16.02.32.00; carne de peru, 02.07.24.00 a 02.07.27.00.

países da Comunidade Européia em 2000 e o reaparecimento da febre aftosa, inicialmente, na Inglaterra e, posteriormente, na França e na Alemanha. Isso fez com que os mercados europeus, bem como os mercados de fora da Comunidade Européia, antes abastecidos por carnes bovina e suína produzidas nesses países, necessitassem de novos fornecedores. Esse quadro criou expectativas otimistas para os exportadores brasileiros com relação à conquista de uma fatia desses mercados. Mais ainda, essa confiança estava alicerçada no reconhecimento, em 2000, pela Organização Internacional de Epizootias (OIE) dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul como áreas livres de febre aftosa sem vacinação e na perspectiva de que, em maio de 2001, a OIE reconhecesse também outros estados brasileiros com importante produção de carnes bovina e suína como áreas livres de aftosa — nesse caso, com vacinação. Esse novo *status* obtido pelo setor produtor de carne reafirmou a confiança dos exportadores, especialmente de carnes bovina e suína na conquista de novos mercados.

A condição obtida por Santa Catarina e Rio Grande do Sul de áreas livres de aftosa sem vacinação criava vantagens para a venda de carne suína a países consumidores extremamente exigentes com relação à qualidade do produto e que, até o momento, não absorviam carne originada do Brasil. Nesse quadro, foram enviadas missões de empresários desses dois estados, grandes produtores nacionais de suínos, aos principais países importadores, com o objetivo de estabelecerem contratos de exportação. As missões mostraram-se muito positivas, e as previsões para o ano eram de um crescimento importante nas exportações de carne suína decorrentes de contratos firmados em 2000 com países tradicionalmente importadores desse tipo de carne, como, por exemplo, a Rússia.

Com relação à carne bovina, as expectativas otimistas decorriam de uma perspectiva semelhante, pois a obtenção do certificado de zona livre de aftosa sem vacinação — Rio Grande do Sul e Santa Catarina — ou com vacinação — Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo² — criaria melhores condições junto aos consumidores externos mais exigentes em termos de sanidade para a colocação da carne bovina brasileira. Já em 2000, o Governo brasileiro havia iniciado a implementação de estratégias de *marketing* visando salientar as qualidades da carne bovina brasileira, e havia, da mesma forma que foi encaminhada pelo setor produtor de carne suína, a intenção de envio de missões com o objetivo de conquistar novos mercados e/ou ampliar os já conquistados.

² Além desses quatro estados, que, junto com o Rio Grande do Sul, são os maiores produtores de carne bovina, foram também considerados pela OIE como áreas livres de febre aftosa com vacinação os Estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Sergipe, Tocantins e Distrito Federal.

O contexto de problemas apresentados na Comunidade Européia foi favorável também para os produtores brasileiros de frango. A retração no consumo de carne vermelha na Europa decorrente do temor com a “doença da vaca louca”, ampliado com o surgimento da aftosa nos rebanhos bovino e suíno europeus, fez com que a carne de frango se tornasse a principal fonte de proteína animal. Nesse cenário, os produtores europeus passaram a atender a uma maior demanda na Comunidade Européia e cederam espaços no mercado internacional. Além disso, com a proibição da utilização de insumos de origem animal para a alimentação das aves, os produtores tiveram de importar farelo de soja e milho, o que se refletiu em um aumento de seus custos de produção. Esse quadro permitiu que o Brasil ocupasse uma fatia dos mercados cedidos pela Comunidade Européia e, mais ainda, conquistasse alguns mercados europeus, já que, frente aos produtores locais, havia obtido vantagens competitivas.

No caso da carne de frango, os novos mercados conquistados são apenas um acréscimo no grande leque de mercados de exportação de carne de frango brasileira, uma vez que o Brasil já é um dos principais exportadores dessa carne. Isso, no entanto, não diminui a importância das novas conquistas. A participação relativa da exportação de carne de frango na pauta de exportação brasileira de carnes fica bastante clara quando se observa a estrutura do setor exportador de carnes. No ano 2000, foram vendidas 116 mil toneladas de carne suína e 189 mil toneladas de carne bovina *in natura* — 8% e 13%, respectivamente, do total das vendas do setor exportador de carnes —, enquanto o volume negociado externamente de carne de frango *in natura* atingiu 907 mil toneladas, representando 62% do total das exportações do setor.

Mesmo com um importante mercado já conquistado, o crescimento apresentado pelas vendas de frango nos últimos anos foi significativo. Os exportadores brasileiros de carne de frango tiraram proveito da desvalorização do real em 1999 e aumentaram sua participação no mercado internacional. Durante 1999, houve um crescimento de 25,81% nas vendas externas de frango *in natura*, se comparadas com as vendas efetuadas em 1998, acompanhado por um crescimento de 18,47% no valor dessas exportações. No decorrer de 1999, a desvalorização do real não tinha ainda apresentado conseqüências em termos de pressão por redução de preços por parte dos importadores, movimento usual nesse tipo de situação, provavelmente porque boa parte dos contratos havia sido “fechada” em 1998, antes da desvalorização³.

³ Nos períodos pós-desvalorização da moeda brasileira, sempre foi usual uma pressão exercida pelos importadores no sentido de redução nos preços. Com relação à exportação de soja, esse movimento é imediato e bastante claro no período logo após a desvalorização. Como foi dito, com relação às exportações de frango, cujos contratos são firmados com certa antecedência, o reflexo sobre os preços foi mais lento.

Tabela 1

Estrutura das exportações brasileiras de carne — 2000 e jan.-set./01

TIPOS DE CARNE	2000			
	Quantidade (kg)	Participação no Total da Quantidade (%)	Valor (US\$)	Participação no Total do Valor (%)
Bovina <i>in natura</i>	188 655 995	12,91	503 295 923	26,06
Bovina industrializada	132 248 588	9,05	265 468 101	13,75
Suína <i>in natura</i>	116 004 763	7,94	162 760 219	8,43
De frango <i>in natura</i>	906 746 427	62,03	805 737 276	41,72
De frango industrializada	9 347 542	0,64	23 009 248	1,19
De perus	42 488 710	2,91	73 604 249	3,81
Subtotal	1 395 492 025	95,46	1 833 875 016	94,97
Outras carnes	66 369 463	4,54	97 207 160	5,03
TOTAL	1 461 861 488	100,00	1 931 082 176	100,00

TIPOS DE CARNE	JAN-SET/01			
	Quantidade (kg)	Participação no Total da Quantidade (%)	Valor (US\$)	Participação no Total do Valor (%)
Bovina <i>in natura</i>	251 364 903	16,24	522 162 117	24,90
Bovina industrializada	96 848 737	6,26	191 577 726	9,14
Suína <i>in natura</i>	177 114 704	11,44	253 156 280	12,07
De frango <i>in natura</i>	909 633 800	58,77	962 816 787	45,92
De frango industrializada	11 749 691	0,76	30 375 677	1,45
De perus	50 058 222	3,23	81 335 619	3,88
Subtotal	1 496 770 057	96,70	2 041 424 206	97,35
Outras carnes	51 055 943	3,30	55 527 794	2,65
TOTAL	1 547 826 000	100,00	2 096 952 000	100,00

FONTE: Secex

Tabela 2

Exportações brasileiras de carne de frango *in natura* — 1998-00

ANOS	QUANTIDADE (kg)	Δ% DA QUANTIDADE	VALOR (US\$)	Δ% DO VALOR
1998	612 477 532	-	738 925 300	-
1999	770 581 695	25,81	875 437 983	18,47
2000	906 746 427	17,67	805 737 276	-7,96

FONTE: Secex.

Assim, se, em 1999, os exportadores de carne de frango não sentiram os reflexos da desvalorização do real sobre os preços em dólares e, portanto, usufruíram de excelentes receitas, em 2000 essa pressão foi forte, e os preços em dólares da carne de frango brasileira foram sensivelmente reduzidos. A estratégia dos empresários nacionais foi, aparentemente, absorver essa queda dos preços em dólares mantendo os mercados conquistados. Essa estratégia é bastante viável, já que, mesmo com a redução do preço de suas vendas em dólares na conversão para a moeda nacional, a receita é positiva. O resultado dessa estratégia do setor produtor de carne de frango foi o crescimento de 17,67% no volume exportado em 2000 em relação a 1999, acompanhado, no entanto, de uma queda de 7,96% na receita em dólares.

Evolução do setor em 2001

No que diz respeito às exportações brasileiras, pode-se dizer que estas confirmaram ou até superaram as expectativas de desempenho geradas no início de 2001. Quanto ao Rio Grande do Sul, em função do reaparecimento da febre aftosa no seu território em maio de 2001, a performance não foi a pretendida. Mesmo assim, com exceção da carne bovina, as demais carnes da pauta de exportação gaúcha obtiveram taxas de crescimento bastante positivas.

Foi significativo o aumento das exportações brasileiras de carne de janeiro a setembro de 2001 se comparadas com as de igual período de 2000. Os volumes exportados cresceram mais de 40%, e o valor dessas vendas, mais de 48%. Esse desempenho significa que a conquista de novos mercados tem se dado através da colocação de produtos de maior valor.

Essa evolução é bastante clara no caso das exportações de frango *in natura*, cujo crescimento, no período, foi de 35% nas quantidades exportadas e de 61% nos valores. Houve um aumento importante nas vendas externas de carne de frango em pedaços, cujo valor da tonelada é superior à do frango inteiro. Ainda mais, os exportadores conseguiram recuperar parte da redução de preços ocorrida em 2000.

O maior crescimento das exportações de frango *in natura* foi para a Federação Russa e para Cuba.⁴ Este último país, que importou do Brasil 50 toneladas de janeiro a setembro de 2000, já comprou 14.687 toneladas de janeiro a setembro de 2001. Os importadores tradicionais de carne de frango *in natura*, como Japão e Hong Kong, apresentaram uma pequena redução nas suas compras, que, no entanto, se mantiveram em grandes volumes. Já os países europeus, como a Alemanha, Países Baixos e Espanha, também consumidores tradicionais da carne de frango do Brasil, apresentaram significativo aumento nas suas importações em decorrência da EEB e da aftosa.

As exportações da carne de frango industrializada também apresentaram crescimento no período — 77% nos volumes exportados e 86% nos valores. No entanto, deve-se ressaltar, nesse caso, que as quantidades exportadas desse tipo de carne representavam apenas 0,64% (Tabela 1) do total do volume de carne exportado pelo Brasil e que, mesmo com o crescimento apresentado, passaram a representar apenas 0,76% (Tabela 4), enquanto as exportações de carne de frango *in natura*, como já foi dito anteriormente, atingiram 62% das vendas brasileiras de carne em 2000 e, apesar da diminuição da sua participação relativa em 2001 para 58,77%, continuam a ser as mais significativas do setor exportador de carne.

A redução mencionada na participação das exportações de carne de frango *in natura* no conjunto das vendas externas de carne pelo Brasil, apesar do crescimento apresentado nos volumes exportados desse tipo de carne, ocorreu apenas em função do aumento relativo das exportações de carnes bovina e suína em 2001.

⁴ Com relação aos países importadores, os dados mencionados no texto são os elaborados pelo Departamento de Comercialização do Ministério da Agricultura, que também têm como fonte a Secex.

Tabela 3

Variação das exportações brasileiras de carne — jan.-set./00 e jan.-set./01

TIPOS DE CARNE	JAN-SET/00		JAN-SET/01	
	Quantidade (kg)	Valor (US\$)	Quantidade (kg)	Valor (US\$)
Carne bovina <i>in natura</i>	144 954 784	388 854 468	251 364 903	522 162 117
Carne bovina industrializada	100 181 539	200 893 462	96 848 737	191 577 726
Carne de suíno	81 536 655	111 015 265	177 114 704	253 156 280
Carne de frango <i>in natura</i>	675 729 691	597 217 042	909 633 800	962 816 787
Carne de frango industrializada	6 635 920	16 338 844	11 749 691	30 375 677
Carne de peru	31 486 815	56 130 880	50 058 222	81 335 619
Subtotal	1 040 525 404	1 370 449 961	1 496 770 057	2 041 424 206

TIPOS DE CARNE	VARIAÇÃO % 2001/2000	
	Quantidade	Valor
Carne bovina <i>in natura</i>	73,41	34,28
Carne bovina industrializada	-3,33	-4,64
Carne de suíno	117,22	128,04
Carne de frango <i>in natura</i>	34,62	61,22
Carne de frango industrializada	77,06	85,91
Carne de peru	58,98	44,90
Subtotal	43,85	48,96

FONTE: Secex

A exportação de carne de peru apresentou um crescimento importante — 59% nas quantidades vendidas e 45% no valor obtido com essas vendas — no período de janeiro a setembro de 2001 em relação ao mesmo período de 2000 (Tabela 3). No entanto, assim como para a carne de frango industrializada, esse crescimento não significa grandes volumes de vendas dessa carne comparativamente à carne de frango *in natura*, pois a participação da exportação da carne de peru no total das exportações do Brasil foi de 2,91% em termos de quantidade e de 3,81% do total do valor em 2000 e, apesar das taxas de crescimento apresentadas, apenas 3,23% e 3,88%, respectivamente, em 2001.

Os resultados dos esforços dos empresários do setor produtor de carne suína podem ser visualizados com clareza nas altas taxas de crescimento das vendas externas de janeiro a setembro de 2001 com relação ao mesmo período de 2000 — 117,22% nas quantidades e 128,04% no valor (Tabela 3). O grande crescimento dessas exportações decorreu, como já foi dito anteriormente, do envio de missões comerciais de empresários do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina — após o reconhecimento pela OIE desses dois estados como áreas livres de febre aftosa — aos países tradicionalmente consumidores dessa carne, especialmente à Federação Russa. Essa estratégia mostrou-se bastante promissora, já que os volumes embarcados para a Federação Russa passaram de 10.141 toneladas de janeiro a setembro de 2000 para 101.558 no período correspondente de 2001. Deve-se aqui lembrar que o Rio Grande do Sul teve, a partir de maio de 2001, as vendas externas de carne suína prejudicadas com o reaparecimento da aftosa no Estado, passando, nesse caso, a produção de Santa Catarina a suprir os mercados recém-conquistados. No que diz respeito a outros mercados, houve um pequeno aumento nas vendas para alguns países e a entrada da carne suína brasileira em novos mercados, mas nada significativo se comparado com o volume de vendas para a Federação Russa.

As exportações de carne bovina, por sua vez, apresentaram um crescimento de 73% nos volumes exportados e de 34% no valor dessas vendas (Tabela 3). A participação da quantidade das vendas externas dessa carne, que era de 12,91% em 2000, foi de 16,24% de janeiro a setembro de 2001 (Tabela 1). No entanto, em termos de valor, tem-se uma diminuição da participação de 26,06% em 2000 para 24,90% no período de janeiro a setembro de 2001, derivada de uma redução no valor médio da tonelada, de US\$ 2.667,80 em 2000 para US\$ 2.077,31 em 2001.

Esse crescimento nos volumes exportados foi baseado em significativos aumentos das exportações para países árabes, com especial aumento das vendas para a Arábia Saudita e para o Egito: os volumes exportados para a Arábia Saudita aumentaram, de janeiro a setembro de 2000, de 1.423 toneladas para 23.053 toneladas no mesmo período de 2001 e para o Egito de 1.341 para 14.255 toneladas. Israel, que já havia importado quantidades significativas de

janeiro a setembro de 2000, apresentou mesmo assim um incremento de 162% nas compras de carne bovina *in natura* brasileira. O Chile, que era o maior importador de carne bovina do Brasil, aumentou suas compras em 72%. Parte dessa demanda por carne brasileira originou-se dos problemas com o aparecimento da febre aftosa na Argentina e no Uruguai, grandes fornecedores de carne bovina para o mercado chileno.

A carne bovina industrializada foi o único tipo de carne que apresentou redução nas vendas entre 2000 e 2001. Provavelmente, parte dessa queda foi reflexo do surgimento de focos de febre aftosa no Rio Grande do Sul e suas conseqüências sobre as vendas de carne gaúcha para o mercado internacional.

O reaparecimento da febre aftosa no Rio Grande do Sul deu-se pelo contágio do rebanho gaúcho através da fronteira com a Argentina e com o Uruguai, que já vinham apresentando focos da doença desde o final de 2000. Nesse quadro, o prejuízo com relação à exportação de carne bovina restringiu-se ao Rio Grande do Sul, já que os estados do centro do País acabaram se beneficiando com o surto da aftosa no Cone Sul.

Tabela 4

Preço da tonelada exportada de carne no Brasil — 2000 e jan.-set./01

(US\$)

TIPOS DE CARNE	2000	JAN-SET/01
Bovina <i>in natura</i>	2 667,80	2 077,31
Bovina industrializada	2 007,34	1 978,11
Suína <i>in natura</i>	1 403,05	1 429,34
De frango <i>in natura</i>	888,60	1 058,47
De frango industrializada.....	2 461,53	2 585,23
De perus	1 732,32	1 624,82
Subtotal	1 314,14	1 363,89
Outras carnes	1 464,64	1 087,59
TOTAL	1 320,97	1 354,77

FONTE: Secex.

O Rio Grande do Sul, que tinha uma participação em torno de 20% em 2000 nas quantidades exportadas de carne pelo Brasil, praticamente manteve essa participação em 2001. Apesar das conseqüências do reaparecimento da febre aftosa no Estado sobre o segmento produtor de carnes bovina e suína, que teve suas exportações bastante comprometidas, o dinamismo apresentado pelo segmento produtor de aves compensou as perdas decorrentes da aftosa para o setor exportador gaúcho de carnes e garantiu sua importância no cenário nacional.

Tabela 5

Participação percentual das exportações gaúchas nas exportações brasileiras de carne — 2000 e jan.-set./01

TIPOS DE CARNE	2000		JAN-SET 2001	
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor
Bovina <i>in natura</i>	7,05	5,98	2,25	2,08
Bovina industrializada	12,17	10,99	11,44	9,63
Suína <i>in natura</i>	29,51	31,04	19,26	20,42
De frango <i>in natura</i>	22,82	23,01	25,47	24,65
De frango industrializada ...	27,77	26,83	28,56	33,01
De perus	2,17	1,53	9,72	9,58
Subtotal	19,64	16,49	19,43	16,47
Outras carnes	17,48	13,10	8,94	7,52
TOTAL	19,54	16,32	19,08	16,23

FONTE: Secex.

Em decorrência do ressurgimento da aftosa no Rio Grande do Sul em 2001, as vendas de carne bovina *in natura* tiveram uma retração de 44,22% no volume de vendas para o Exterior. De janeiro a setembro de 2000, o Rio Grande do Sul havia exportado 10.158 toneladas de carne bovina *in natura*, obtendo uma receita de 23 milhões de dólares. Com o aparecimento da aftosa, essas vendas viram-se reduzidas para 5.666 toneladas, com uma receita de menos de US\$ 11 milhões. As exportações dessa carne, que se situavam ao redor de mil toneladas mensais em 2000 e nos primeiros meses de 2001, reduziram-se para 300 toneladas em junho, recuando para apenas 74 toneladas em julho de 2001.

As conseqüências da aftosa sobre a carne bovina industrializada foram bem menores se comparadas às sobre a carne *in natura*, já que apresentaram uma redução de 5,69% nas quantidades enviadas ao mercado internacional.

Tabela 6

Taxas de crescimento das exportações de carne do Rio Grande
do Sul — jan.-set./00 e jan.-set./01

TIPOS DE CARNE	JAN-SET/00		JAN-SET/01	
	Quantidade (kg)	Valor (US\$)	Quantidade (kg)	Valor (US\$)
Bovina <i>in natura</i>	10 157 695	23 031 674	5 665 657	10 878 832
Bovina industrializada	11 749 627	20 094 592	11 081 439	18 444 283
Suína <i>in natura</i>	26 179 626	37 728 860	34 105 619	51 699 511
De frango <i>in natura</i>	158 951 942	140 007 816	231 710 276	237 330 546
De frango industrializada	1 961 591	4 633 234	3 356 255	10 028 233
De perus	465 290	610 171	4 866 672	7 791 352
Subtotal	209 465 771	226 106 347	290 785 918	336 172 757

TIPOS DE CARNE	VARIAÇÃO %	
	Quantidade	Valor
Bovina <i>in natura</i>	-44,22	-52,77
Bovina industrializada	-5,69	-8,21
Suína <i>in natura</i>	30,28	37,03
De frango <i>in natura</i>	45,77	69,51
De frango industrializada	71,10	116,44
De perus	945,94	1 176,91
Subtotal	38,82	48,68

FONTE: Secex

A carne suína originária do Rio Grande do Sul teve sua participação nas vendas nacionais para o Exterior reduzida: era de quase 30% em 2000 e passou a 20% em 2001 (Tabela 5). Essa retração foi consequência do reaparecimento da febre aftosa no Estado, que fez com que fosse cancelada a maior parte dos contratos estabelecidos antes do aparecimento dos focos. Como já foi dito, a partir do reconhecimento pela OIE do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina como estados livres de aftosa sem vacinação, o Governo brasileiro e os empresários do setor visitaram países importadores de carne suína, buscando criar novos mercados para as carnes gaúcha e catarinense. No entanto, no que diz respeito ao Rio Grande do Sul, grande parte desse trabalho foi “por terra” com o reaparecimento da febre aftosa no seu território. Mesmo assim, ao longo dos meses considerados em 2001, o setor apresentou um crescimento de suas vendas externas em relação ao mesmo período de 2000 — aumento de 30,28% nas quantidades vendidas e de 37,03% no valor dessas vendas. O maior aumento do valor em relação à quantidade exportada foi derivado de um incremento no preço da tonelada dessa carne originada no Rio Grande do Sul.

Tabela 7

Preço da tonelada de carne exportada do Rio Grande
do Sul — 2000 e jan.-set./01

(US\$)

TIPOS DE CARNE	2000	JAN-SET/01
Bovina <i>in natura</i>	2 260,39	1 920,14
Bovina industrializada	1 812,37	1 664,43
Suína <i>in natura</i>	1 475,78	1 515,86
De frango <i>in natura</i>	896,08	1 024,26
De frango industrializada	2 378,90	2 987,92
De perus	1 226,82	1 600,96
Subtotal	1 103,71	1 156,08
Outras carnes	1 097,62	914,19
TOTAL	1 103,47	1 152,34

FONTE: Secex.

Como já foi dito, os reveses enfrentados pelo segmento exportador de carnes bovina e suína gaúchas foram contra-arrestados pelo crescimento das vendas de carne de frango, que, em 2001, aumentaram sua participação nas exportações de carne de frango do Brasil — passaram de 22,82% em 2000 para 25,47% no período de janeiro a setembro de 2001 (Tabela 5). O aumento de importância das exportações gaúchas nas nacionais foi tanto da carne de frango *in natura*, quanto da industrializada. O movimento das vendas de carne de frango do Rio Grande do Sul é semelhante ao observado para o Brasil, só que, no caso do estado gaúcho, o fenômeno ocorreu com maior intensidade, ou seja, a quantidade exportada de carne de frango *in natura* pelo Rio Grande do Sul cresceu 45,77% e em termos de valor 69,51% (Tabela 6). O crescimento mais do que proporcional do valor é, como para o Brasil, reflexo do aumento das vendas de carne de frango em pedaços e do restabelecimento dos preços em patamares mais próximos aos obtidos antes da desvalorização cambial de 1999.

No mesmo sentido, tem-se a variação das vendas de carne de frango industrializada, mas, nesse caso, o aumento de preço obtido pela tonelada exportada dessa carne foi bem maior — passou de US\$ 2.378,90 por tonelada em 2000 para US\$ 2.987,92 em 2001 (Tabela 7). Em função dessa variação no preço, as quantidades exportadas aumentaram 71,10%, enquanto o valor cresceu 116,44% (Tabela 6). Assim como para o Brasil, no RS as exportações de carne de frango industrializada não são significativas na pauta de exportações do setor de carnes.

Observando-se as taxas de crescimento das exportações gaúchas por tipo de carne, verifica-se um crescimento de 946% nos volumes exportados de carne de peru, com um aumento correspondente no valor de 1.177% (Tabela 6). Esse crescimento se refletiu em um aumento da participação das exportações de carne de peru oriundas do Rio Grande do Sul na pauta de exportações brasileira — em 2000, as vendas gaúchas de carne de peru representavam 2,17% das quantidades exportadas pelo Brasil, passando a 9,72% no período de janeiro a setembro de 2001 (Tabela 5).

Além de todas as evidências descritas com relação ao excelente desempenho das exportações brasileiras de carne em 2001, tem-se que, somente até o mês de setembro desse ano, o volume enviado ao Exterior já é superior ao total das vendas externas em 2000 (Tabela 1). Essa afirmação é correta para todos os tipos de carne exportados pelo Brasil, com exceção da carne bovina industrializada.

As exportações gaúchas também já superaram, de janeiro a setembro de 2001, o total das vendas ocorridas em 2000. Esse desempenho ocorreu mesmo com a queda já descrita das exportações de carne bovina *in natura* e industrializada, que foi mais do que compensada pelo crescimento das vendas de carne de frango e de perus.

Tabela 8

Exportação de carne do Rio Grande do Sul — 2000 e jan.-set./01

TIPOS DE CARNE	2000		JAN-SET/01	
	Quantidade (kg)	Valor (US\$)	Quantidade (kg)	Valor (US\$)
Bovina <i>in natura</i>	13 305 790	30 076 272	5 665 657	10 878 832
Bovina industrializada	16 100 828	29 180 593	11 081 439	18 444 283
Suína <i>in natura</i>	34 237 126	50 526 362	34 105 619	51 699 511
De frango <i>in natura</i> ...	206 908 288	185 405 917	231 710 276	237 330 546
De frango industrializada	2 595 414	6 174 241	3 356 255	10 028 233
De perus	919 945	1 128 609	4 866 672	7 791 352
Subtotal	274 067 391	302 491 994	290 785 918	336 172 757
Outras carnes	11 600 123	12 732 585	4 564 714	4 173 004
TOTAL	285 667 514	315 224 579	295 350 632	340 345 761

FONTE: Secex.

Considerações finais

No início de 2001, as perspectivas eram extremamente favoráveis para o setor exportador de carnes, tanto do Brasil como do Rio Grande do Sul, em decorrência dos problemas da “vaca louca” e da aftosa em alguns países da Comunidade Européia. Essas expectativas eram otimistas especialmente para o setor produtor de carnes bovina e suína do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina — o *status* de área livre de aftosa sem vacinação criava a possibilidade de esses dois estados se tornarem os principais ofertantes brasileiros para os mercados antes abastecidos por carne produzida na Comunidade Européia. No entanto, a volta da febre aftosa no Rio Grande do Sul fez com que os outros estados brasileiros, como Santa Catarina, no caso da carne suína, e os estados do Sudeste e do Centro-Oeste, no que se refere à carne bovina, ocupassem o lugar do Rio Grande do Sul e aproveitassem a conjuntura favorável de abertura de mercados. Ou seja, as possibilidades de conquista de novos mercados, que, no início do ano, privilegiavam os dois estados do Sul, acabaram ocorrendo para o Brasil como um todo, com exceção do Rio Grande do Sul. Este aproveitou apenas os espaços cedidos para a colocação de carne de frango em mercados antes abastecidos por países da Comunidade Européia.